

Escola de Maria, Mãe de Deus, Ajuda Materna na Construção da Paz entre os Homens

*Mary's School, Mother of God,
Maternal Aid in the Formation of Peace Among Men*

JOAQUIM FRANCISCO BATISTA RESENDE*

ANTONIO LUIZ CATELAN FERREIRA**

Resumo: Este artigo aborda o pensamento do teólogo e Papa emérito Bento XVI, com maior atenção às homilias proferidas nas Solenidades de Maria Santíssima “Mãe de Deus” e da Assunção e nas alocações no Ângelus, sobre o papel de Maria na economia da salvação, a compreensão do título mariano “Mãe de Deus” e suas conseqüências para a vida de fé cristã. A mariologia de Bento XVI demonstra perfeita sintonia com o magistério do Concílio Vaticano II, que inaugurou um novo caminho na Igreja, indicou Maria como modelo perfeitíssimo para a Igreja e ajuda materna na construção de uma convivência de paz, orientada sempre e unicamente por seu Filho, Jesus Cristo.

Palavras-chave: Maria. Mãe de Deus. Paz. Bento XVI.

Abstract: This paper explores the thinking of the theologian and Emeritus Pope Benedict XVI, focusing on the pronounced homilies at Solemnities of Mary, Mother of God, and of the Assumption, and in the allocutions at Angelus, about Mary's mission in the economy of salvation, the comprehension of the title “Mother of God” and its consequences to Christian's Faith. Benedict XVI's mariology is in perfect harmony with the Second Vatican Council, which opened a new path in the Church, presented Mary as a perfect model for the Church and maternal aid for a peaceful coexistence, always and exclusively guided by her Son, Jesus Christ.

Keywords: Mary. Mother of God. Peace. Benedict XVI.

* Joaquim Francisco Batista Resende é Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Contato: jofranresende@gmail.com

** Antonio Luiz Catelan Ferreira é Doutor em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Contato: catelanferreira@uol.com.br

Introdução

Às vésperas do Concílio Vaticano II, o panorama teológico é marcado pelos posicionamentos de vários movimentos que surgiram na Europa, notadamente o bíblico, litúrgico e ecumênico. Uma divisão nasce no posicionamento mariológico, temos duas escolas opostas. Um grupo defende os privilégios de Maria e a proclamação de novos dogmas, um tom especialmente místico, cheio de fervor emocional concentrado nas glórias de Maria e o outro, o retorno às fontes originais da teologia cristã primitiva e seu enfoque de Maria mais voltado para os evangelhos, um tom criticamente racional. Guiava-se pela busca da verdade e concentrava-se em Jesus Cristo¹.

O documento, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, resultado das decisões dos embates teológicos dos padres conciliares, esclarece que não esgotou e não selou as discussões relativas à maneira pela qual devemos tratar Maria e tampouco sobre a sua cooperação no plano salvífico (LG 54). O documento afirma que Maria é um “membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade” (LG 53); assevera, ainda, que Maria de Nazaré nos precede no caminho da santidade, pois, nela “a Igreja alcançou já aquela perfeição” (LG 65).

Os papas pós-concílio buscaram difundir a doutrina conciliar com bastante acuidade e atentos às previsões necessárias para atualização do tema, sem, contudo, perder de vista o horizonte hermenêutico estabelecido pela Constituição sobre a Igreja, no que tange à figura e ao papel da Virgem Maria, como modelo de cristã e da Igreja, “sinal daquilo que todos nós seremos e a igreja toda será em Cristo Jesus” (LG 52-69). O interesse pelas coisas marianas havia diminuído rapidamente nos países industrializados, após o Concílio Vaticano II. Ao redigir a Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, Paulo VI dá um novo impulso à devoção mariana, ao conclamar toda a Igreja a renovar as formas de culto com as sensibilidades contemporâneas e indicar quatro diretrizes básicas: critérios bíblico, litúrgico, ecumênico e antropológico, para nortear a veneração à Maria.

O legado dessa doutrina ressoa na fala de Bento XVI, que ainda jovem teólogo, participou como perito do Concílio Vaticano II. Aqui, faremos um breve recorte acerca desse desenvolvimento do pensamento mariológico pós Concílio, atendo-nos, com maior cuidado, às homilias proferidas nas solenidades de Maria Santíssima Mãe de Deus e da Assunção, e das alocações no Angelus, nos anos de seu pontificado, em que ele aponta o esplendor da verdade como o firme alicerce capaz de estruturar e estabelecer o caminho da paz, secundado pelo auxílio maternal e generoso da Virgem silenciosa, como uma resposta sábia “ao chamado divino da criação e eleição” (RATZINGER, 2013, p. 20).

1 JOHNSON, E. *Nossa verdadeira irmã*, p. 151-173.

1 Aproximação ao pensamento mariano-magisterial de Ratzinger/Bento XVI: Assunção e Mãe de Deus

Antes de apresentarmos nossas percepções colhidas nos documentos magisteriais, faremos um brevíssimo relato da evolução histórica que levou à definição da Assunção² da Virgem Maria, em 1950, bem como a adoção do título “Mãe de Deus,”³ nos primórdios da era cristã, para que possamos demonstrar a perfeita conexão do pensamento mariano de Ratzinger/Bento XVI com todo o magistério da Igreja.

1.1 Assunção

A Assunção de Maria foi proclamada como verdade de fé divinamente revelada pelo Papa Pio XII, através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, em 01 de novembro de 1950. Até chegar a esta declaração, baseada nos testemunhos de fé comum e universal dos fiéis, a Igreja percorreu uma longa jornada. Nesse caminho de fé, a incerteza quanto ao destino final e a figura corpórea de Maria estão presentes. Não há, na Tradição dos três primeiros séculos, qualquer referência ao destino final da Virgem. No quarto século aparecem postulações e afirmações nesta área. No século VI, começa a difundir-se a celebração litúrgica do Trânsito ou Dormição de Maria, no Oriente. Nos séculos seguintes, na Igreja Bizantina predomina a convicção da glorificação corpórea após a morte da Virgem, que se consolida com testemunhos de Padres, doutores e teólogos. Na igreja latina, o pensamento de Agostinho será determinante, visto que sua doutrina será compartilhada e aprofundada pelos doutores escolásticos. Durante a reforma protestante, Lutero negará, veementemente, essa crença da Igreja Católica. O seu comportamento será combatido pelos apologistas, que fomentarão um movimento denominado, posteriormente, de assuncionista, com petições direcionadas ao pontífice romano para definir, dogmaticamente, a Assunção⁴. Como disse Steffano Cecchin, o dogma era o resultado de uma etapa na jornada em direção à plenitude do conhecimento do mistério de Deus; um mistério em constante mudança, que tem sua origem nos dados revelados e não se desvia deles, que não é envolvido pelos esquemas fixos da pobre razão humana⁵.

Ao realizar a proclamação dogmática, Pio XII aduziu as motivações para compreensão e aceitação de que ocorrera a glorificação e preservação da

2 “No final da sua vida terrena, Maria alcançou, por meio da graça de Cristo, a consumação na totalidade de sua existência humana (= corpo e alma) e foi assumida na glória celeste de Deus” (DH 3903).

3 “Por causa da união hipostática e da comunicação de idiomas, Maria sustenta, com razão, o título de mãe de Deus ou deípara (Theotokos), por meio do que se refuta a doutrina nestoriana das duas filiações, só posteriormente associadas entre si, no Deus-homem Cristo” (DH 251).

4 MECO, S. *Assunção*, p. 173-178.

5 CECCHIN, S., *L'Assunzione di Maria, Madre di Dio*, p. 586.

corrupção o corpo virginal de Maria, a partir dos ensinamentos dos Padres e teólogos, fundamentados nos textos bíblicos (Gn 3,15; Ex 20,12, Is 60,3; Sl 45, 10.14-16; Sl 132,8; Ct 3,6; Lc 1,28 e Ap 12). A MD vê na assunção a consequência dos laços singulares no plano físico e da fé. Destaca a dupla natureza (física e moral) da união indissolúvel entre Maria e Jesus. O corpo de Maria, o “sacrário”, a “arca da aliança” recebeu o Verbo em seu seio maternal e o revestiu de nossa carne. Durante a sua trajetória terrestre, Maria foi a fiel discípula e seguidora, sempre aberta à escuta e obediência da Palavra, partícipe da luta contra o mal, portanto, a glorificação corporal é o destino da mãe do Senhor. A arca não pode perecer e o Senhor a toma para guardá-la junto de si no céu. “É o efeito pleno da união de Maria com o Filho no campo da fé” (SERRA, 1995, p. 172). A assunção “é a epifania da profunda transformação que a semente da palavra divina produzia em Maria, na integridade da sua pessoa” (SERRA, 1995, p. 172).

1.2 Maria, Mãe de Deus

Os textos neotestamentários dão testemunho de que Maria é a mãe do Filho de Deus. A maternidade divina é o mistério mariano fontal e toda a reflexão teológica desenvolvida ao longo dos anos parte dessa primeira formulação dogmática, que é a luz para a compreensão da verdadeira unidade no Cristo pessoa, subsistente em duas naturezas distintas, mas não divididas ou separadas ou, unicidade do ser no Verbo, na sua geração humana, como afirmar a Igreja⁶.

No símbolo do Concílio de Constantinopla I, aparece a primeira formulação de fé da Igreja com referência a Maria e à sua maternidade virginal, que adquirirá, futuramente, valor dogmático. Os padres conciliares de Constantinopla, sintetizando a fé primitiva da Igreja, ligada à revelação bíblica, incluem no símbolo Niceno a menção mariana na encarnação do Verbo. A fórmula é um acréscimo explicativo, em que “Maria é mencionada como o elemento humano que esclarece a Encarnação do Verbo e a sua obra salvífica. O Filho de Deus se encarnou no seio da Virgem, por causa dos homens e para a sua salvação” (MEO, 1995, p. 782).

O título Mãe de Deus surge na história do povo cristão como fruto da experiência de fé do povo. Aparece nos textos cristãos do século IV (Alexandre de Alexandria), para afirmar que Jesus é Filho de Deus e Deus. Com essa afirmação, sendo Jesus Filho de Deus e de Maria, esta é também mãe de Deus, em sentido estrito. Maria não é mãe do Deus criador⁷. O nestorianismo contesta esta afirmação e levanta um problema cristológico, ao questionar a comunicação das propriedades entre a divindade e humanidade de Cristo, na

6 MEO, S., *Mãe de Deus*, p. 781-785.

7 SESBOÛE, B., *Os Sinais da Salvação*, p. 471-489.

unidade de sua pessoa. As questões em voga eram cristológicas e versavam sobre a messianidade de Jesus, a unidade das naturezas humana e divina. A maternidade de Maria foi usada para defender primeiro a humanidade, depois a divindade do Messias. No Concílio de Éfeso, em razão das questões relativas à divindade e humanidade de Jesus e da heresia nestoriana, desenvolve-se uma reflexão teológica, objetivando expor uma doutrina sobre o modo como subsistem em Jesus Cristo as duas naturezas. A questão suscitada é direta e fundamentalmente, cristológica, com a apresentação da união, segundo a hipóstase do Verbo, das duas naturezas e com a afirmação dos atributos entre elas em Cristo.

Constantemente repetida ao longo dos séculos, pelas renovadas profissões de fé e aprofundada pela reflexão teológica, a doutrina mais segura quanto à maternidade divina prega que “a divindade do Verbo não teve princípio em Maria, mas dela e nela tomou a natureza humana completa, que assumira como própria, segundo a hipóstase” (MEO, 1995, p. 785). “A maternidade de Maria, entendida em sentido próprio, se apresenta como a chave de interpretação do mistério da encarnação, que explica e possibilita a união das duas naturezas segundo a hipóstase” (MEO, 1995, p. 785). Maria é proclamada Mãe de Deus, a Theotokos, e a partir do Concílio começa a se desenvolver um ciclo de festas marianas⁸.

1.3 Joseph Ratzinger/Bento XVI

Ao analisarmos e falarmos do pensamento teológico de Joseph Ratzinger, por certo, temos que concordar com ele, que Deus é o tema central das suas reflexões e dos seus esforços. Ele parte “do tema da Igreja, que está presente em tudo”, “de modo que se abra uma perspectiva para Deus”, pois “a Igreja não tem um fim em si mesma, mas existe para que Deus seja visto”, como está expresso no livro-entrevista *Sal da Terra* (RATZINGER, 1997, p. 54) e como podemos constatar em outras obras, palestras e homilias. Ele sempre manifestou a sua preocupação como e de que maneira a mensagem cristã, a exemplo de Maria, deve ser recebida, meditada e anunciada, em vias da conformação cristológica, vislumbrando um horizonte de convivência pacífica entre os homens, no qual “o entrelaçamento entre a multiplicidade e a unidade” (RATZINGER, 2015, p. 26) prevaleça, como no evento de Pentecostes descrito nos Atos dos Apóstolos (At 2).

O que é bastante significativo, no pensamento de Ratzinger, é pensar com a fé da Igreja, pensar com os Santos Padres. Em *Lembranças da minha vida*, ele conta que desenvolveu sua teologia dialogando com Agostinho, porém, que foi difícil penetrar o pensamento de Tomás de Aquino. Registrou que com os grandes pensadores da fé, obteve uma “visão da teologia e da fé

⁸ SESBOÛE, B., Os Sinais da Salvação, p. 484.

em sua totalidade” (RATZINGER, 2006, p. 70). Disse que foi o mergulhar cada vez mais profundo na liturgia que fez crescer a sua vocação para o sacerdócio, pois, “reconhecer a liturgia como ponto central e tentar entendê-la” (RATZINGER, 2017, p. 85), a partir das raízes históricas é fundamental para a sustentação da prática religiosa. Quanto à veneração a Maria, o amor à mãe de Deus, conta que sempre fez parte do seu sentimento religioso. As devoções marianas do mês de maio e as do tempo do Advento eram vivenciadas todos os anos. O Cardeal Ratzinger/Papa Bento XVI entende a teologia como uma fé refletida, raciocinada como ciência, uma perfeita combinação entre “conhecimento científico da teologia com a forma viva da fé” (LUDWIG, 2019, p. 19). Dessa maneira, ao caminharmos pelos escritos do Cardeal Ratzinger e do Papa Bento XVI, descobrimos a lucidez e sobriedade de um pastor, que estimula o seu rebanho a viver e anunciar o Reino de justiça e paz proposto pelo seguimento a Cristo, o caminho da beleza e da verdade crístico-trinitária, em que encontramos inserida Maria, o modelo perfeitíssimo, Mãe de Deus, e vemos destacado o seu papel ímpar na economia da salvação.

2 Escola de Maria de Nazaré

O perfil mariano dos ensinamentos de Bento XVI está presente em suas reflexões nas festas marianas. São textos com a precisão hermenêutica tão própria do Cardeal Bávaro, com uma clareza e narrativa que abraçam o pensamento eclesial. Expressa a verdade em perfeita sintonia com o magistério que o precede, explanando, de forma límpida, os conteúdos da fé, intimamente relacionados com o dado revelado e a Sagrada Escritura, na esteira do ensinamento do Concílio Vaticano II. Convida-nos a voltar o nosso olhar para o grande mistério da encarnação, contemplando a maternidade da Virgem Maria e a entender a festa da Assunção como um convite a ter confiança em Deus e a imitar Maria, a perfeita serva do Senhor, visando assumir a “boa administração desta parte do mundo e da história que nós somos, e assim contribuir para a justa edificação do mundo” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2006). Neste artigo, voltamo-nos, especificamente, para as solenidades da Assunção e da Mãe de Deus, procurando extrair um quadro daquilo que ele disse ser “um farol seguro para todo o coração inquieto à procura de Deus” (BENTO XVI, *Angelus*, 15.08.2005).

2.1 Escola de Maria de Nazaré, a Mãe de Deus

Nos *angelus* e nas homilias proferidas nessas solenidades, Bento XVI evidenciou a estreita e correta ligação que há “na contemplação da paz interior de Maria, que não se abala com acontecimentos que lhe superam” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2013), como forma e meio que ele nominou escola de

Maria de Nazaré, a Mãe de Deus⁹, para alcançar a paz. Na homilia de 2006, indicava-nos o caminho, ao dizer que somos convidados a colocar-nos “na escola da discípula fiel do Senhor, para que ela nos ensine a acolher na fé e na oração a salvação que Deus deseja derramar” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2006). Ora, na *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger já nos instrua que

ter fé significa decidir que no âmago da existência humana há um ponto que não pode ser alimentado e sustentado pelo que é visível e tangível, mas que toca na fímbria daquilo que não é visível, a ponto de este tornar tangível para ele revelando-se como algo indispensável à existência (RATZINGER, 2005, p. 239)

e que “a fé cristã não se preocupa apenas com o eterno” (RATZINGER, 2005, p. 42), mas que “tem a ver com o Deus que está dentro da história, com Deus como homem” (RATZINGER, 2005, p. 42), nascido de uma mulher. Pois graças a Maria o Filho de Deus pôde vir ao mundo como verdadeiro homem, na plenitude dos tempos e, ainda hoje, ressoa o convite para que caminhemos “com alegria rumo à luz do ‘sol que surge do alto’ (Lc 1,78), porque na perspectiva cristã, todo tempo é habitado por Deus, não há futuro que não seja em direção a Cristo e não existe plenitude fora de Cristo” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011).

Assim, tece e entrelaça as vertentes que realçam “fatos e realidades messiânicas” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2007), que recordam a íntima ligação entre Maria e o Verbo feito homem, que entrou “no tempo próprio por meio de Maria”, Virgem mãe, “que com o seu assentimento, coopera de modo decisivo para a entrada do Eterno no tempo” (VD 27) e da qual “aprendemos a receber o Menino” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008), considerando que “na escola de Maria podemos captar com o coração aquilo que os olhos e as mentes não conseguem compreender sozinhos, nem podem conter” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008) e que negar ou recusar o elemento mariano conduz “à negação da Criação e da realidade da graça” (RATZINGER, 2013, p. 21).

O Pastor nos diz que devemos “percorrer o caminho do amor, que é um perder-nos, mas um perder-nos que, na realidade, é o único caminho para nos encontrarmos, verdadeiramente, a nós mesmos, para encontrarmos a verdadeira vida” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2007). “Na união a Cristo precede-nos e guia-nos a Virgem Maria [...], através dela, aprendemos a conhecer e a amar o mistério da Igreja que vive na história” (BENTO XVI, Discurso em Verona, 19.10.2006). Maria “recebeu o dom de Deus para o levar ao mundo” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011) e “oferece continuamente a sua mediação ao Povo de Deus peregrinante na história rumo à eternidade” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011), “é mãe e modelo da Igreja, que acolhe

9 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2006.

na fé a Palavra divina e oferece a Deus como ‘terra fecunda’ onde Ele pode continuar a cumprir o seu mistério de salvação” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2012). Receber Jesus Cristo é a via da oração e só preservando no coração, “ponderando e encontrando a unidade de tudo o que vivemos” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008), como Maria, podemos aprofundar o sentido do Mistério para levar ao mundo “o Mistério de um Deus que por amor se fez homem e nos chama a segui-lo” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008) e oferecer continuamente “aos homens a vida divina, que é o próprio Jesus e o seu Espírito Santo” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011). “A divindade de Deus não se apresenta mais no poder do castigo, mas no caráter indestrutível e constante do seu amor” (RATZINGER, 2013, p. 17).

2.2 Escola de Maria de Nazaré, Assunta ao céu

O pensamento de Bento XVI sobre a Assunção de Maria é bastante claro para nossa reflexão teológico-pastoral. Em todas as oportunidades, ressaltou a alegria, como componente fundamental da festa, principalmente o fato de “que o amor é mais forte do que a morte. Que Deus tem a verdadeira força e a sua força é bondade e amor” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005). O destino final de cada um de nós está inserido no contexto da reflexão. A afirmação “também para o corpo existe um lugar em Deus” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005) é conclusiva, tornando concreta para nós a convicção de que “no céu temos uma Mãe” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005), que nos precedeu. “O céu está aberto, o céu tem um coração” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005), que almejamos alcançar. Assim, aproxima-se das suas ovelhas, conduzindo-as a compreender que a imersão na palavra de Deus, a familiaridade e o uso dela no dia a dia é a via para a verdadeira liberdade. Assertivamente, proclama que não nos tornamos livres quando nos afastamos de Deus, pois “onde desaparece Deus, o homem não se torna grande” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005) e “somente se Deus é grande, o homem também é grande” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005). Assim, “a nossa vida não é oprimida, mas elevada e alargada” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005), porque não perdemos tempo se a oferecemos a Deus. A vida torna-se luminosa, o tempo se torna maior e mais rico. Passamos, se permitimos Deus entrar em nosso tempo, a ter “luz interior da sabedoria” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005) e “critério como base para julgar, porque está com Deus e em Deus” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2005). Resistiremos ao mal e promoveremos o bem no mundo. Maria fala a nós e nos convida a conhecer esta Palavra.

Para a nossa assunção, para encontrarmos a vereda da felicidade, nos diz o Papa emérito, é preciso, como Maria, tornarmo-nos bem-aventurados, refletindo como verdadeiro espelho “a luz simples e multiforme de Deus” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2006), que se manifesta na sua variedade e riqueza, quando nos tornamos morada do Senhor, de corpo e alma e para

sempre. Orienta e indica-nos o crer como o primeiro e fundamental ato, para nos tornarmos morada de Deus. “Acreditar significa seguir as indicações que nos foram deixadas pela Palavra de Deus” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2006). “A Virgem Maria percorreu na fé todo o caminho do Redentor”, portanto, “não podia deixar de acompanhá-lo na sua glória final” (BENTO XVI, Homilia, 15.08.2006). “Ela precedeu-nos a caminho do céu” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2005), é “sinal de esperança segura e de consolação” (LG 68).

A continuidade a que aludimos entre o pensamento-perfil mariano dos escritos magisteriais de Bento XVI e os Padres da Igreja, pode ser colhida em asserções inseridas nos pronunciamentos. Por exemplo, a visão eclesiológica é perceptível em palavras fortes e claras, que nos iluminam, quando vê Maria como tipo da Igreja, como os santos Padres, e “sinal de esperança certa” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2005), pois a Igreja é chamada a tornar presente Cristo na história, prolongando o *fiat* mariano, “o sinal de reconciliação e da infinita bondade de Deus pelo mundo” (BENTO XVI, Angelus, 25.03.2012). Refere-se à Mãe de Deus de variadas formas, externando respeito, veneração e esperança, acentuando sempre o estreito vínculo entre a Mãe e o Senhor, pois a “verdadeira devoção à Virgem Maria aproxima-nos sempre de Jesus” (BENTO XVI, Angelus, 25.03.2012), nasce da fé e nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos estimula a imitá-la em suas virtudes, reafirma, citando a LG 67. Recorre a Maria, “guia dos apóstolos, sustentáculo dos Mártires, luz dos Santos” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2010) para que “sentimentos de compreensão, vontade de entendimento e desejo de concórdia” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2006) sejam obtidos em benefício de todos. Disse-nos em 2007, precisamos sentir Maria como “mãe e irmã nas situações concretas da nossa existência” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2007).

3 Maria, Mãe de Deus, Carta do Pai

Há nos escritos do teólogo Ratzinger afirmações que demonstram a cristocentricidade do seu pensamento, bem como expressões indicativas, que nos permitem auferir o desenvolvimento da sua piedade e teologia mariana. Em vários momentos, Ratzinger disse que defender a maternidade divina é o melhor meio de sustentar a divindade de Jesus. Dessa forma, superam-se reducionismos, ao trazer para o centro da reflexão teológica a humanização de Deus. Ao referir-se à festa da Divina maternidade de Maria, no trono de Pedro, declarou

[...]ser uma festa mariana muito significativa, conserva um conteúdo fortemente cristológico, porque, poderíamos afirmar, antes de dizer respeito à Mãe, refere-se precisamente ao Filho, Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (CANTALAMESSA, 2013, p. 5).

Não há como dissociar Maria de Cristo, eis que “toda a sua vida está

na luz do Senhor, no âmbito do nome e do rosto de Deus encarnado em Jesus” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2012). Essa indissociabilidade entre Maria e seu Filho é “o grande privilégio da Virgem” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008), visto que “consiste precisamente em ser Mãe do Filho que é Deus” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008), “enquanto concebeu na carne o Filho do Pai eterno” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011), o que configura a estreita relação entre o mistério da encarnação e a divina maternidade de Maria, de onde advém o título de Mãe de Deus, “fundamento de todos os outros títulos com que Nossa Senhora foi venerada e continua a ser invocada de geração em geração” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2008).

A teologia católica afirma, com segurança, que não se reconhece o Mistério da Encarnação separado, ou mesmo distante, da concepção virginal de Maria, que “é a verdadeira Mãe de Deus precisamente em virtude da sua total relação com Cristo” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011), “é Ele quem faz com que a maternidade de Maria seja qualificada como ‘divina’” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2011). Bento XVI nos ensina que para compreendermos e lermos corretamente o significado da Mãe de Deus, para a nossa história, é vital o auxílio do Espírito Santo, que escreveu nela “a Palavra”, o Verbo de Deus feito homem, que é espírito de vida (Jo 6) e a fez uma carta “escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne” (2Cor 3, 2-3). Nesta linha, servimo-nos das palavras de Raniero Cantalamessa, ao comentar o mesmo trecho e afirmar que gostaria de ler essa “carta de Deus com o objetivo prático e ‘edificante’: o de traçar um caminho de santificação todo modelado na Mãe de Deus” (CANTALAMESSA, 2013, p. 5), pois a vida de Maria serve para “aumentar a nossa compreensão profunda da Palavra de Deus e dos problemas da Igreja” (CANTALAMESSA, 2013, p. 42). Na experiência de Maria, o lugar normal do encontro com o Divino é justamente o cotidiano, em meio às adversidades, servindo. Ela sabia viver de modo absolutamente extraordinário. Está presente em todo o transcurso da história da Salvação.

Na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, o pontífice nos apontava que era “necessário olhar para uma pessoa em Quem a reciprocidade entre Palavra de Deus e fé foi perfeita”: a Virgem Maria. Afirmava que a realidade humana encontrava “a sua figura perfeita precisamente na fé obediente de Maria” e, por conseguinte, essa total disponibilidade para Deus é o modelo da fiel discípula a ser imitado por todos nós. Exortava, ainda, que ao mirarmos um tema à luz de Maria, colocamos a nossa inteligência da fé no centro mais íntimo da verdade cristã. Disse que “no nosso tempo, é preciso que os fiéis sejam ajudados a descobrir a ligação entre Maria de Nazaré e a escuta crente da Palavra divina” (VD 27), pois, “bem-aventurados todos os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Mc 3,35).

A preocupação do Pastor¹⁰ com o destino das suas ovelhas aparece nas vezes em que alude à exemplaridade de Maria “sustento para todos os crentes”, e anima todos a enfrentar e vencer as dificuldades, vislumbrando as “coisas do alto” (Cl 3,2), de forma a não relegar e esquecer “a derradeira finalidade da existência humana”, o que é, verdadeiramente, essencial. Deixar-se emaranhar pelos problemas diários, por certo é desviar-se, nos alerta. Os percalços e dificuldades cotidianos serão suplantados quando “as realidades terrenas são vividas no seu justo valor” “iluminadas pela verdade eterna do amor divino”. Apresenta-nos a ponte salvífica, o único meio para saborear a alegria e a paz, ao convidar-nos a imitar a mãe do Senhor, maneira eficaz de palmilhar a estrada e alcançar “a meta imortal do Paraíso” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2007). “Imitemo-la no dócil seguimento de Cristo e no generoso serviço aos irmãos” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2006), exortou, chamando os cristãos a transformarem o mundo impulsionados pelo amor, para que “não falte no povo cristão servidores da alegria divina vivendo os conselhos evangélicos e dando testemunho profético” (BENTO XVI, Angelus, 15.08.2006).

4 Mãe de Deus e Príncipe da Paz: eficácia da bênção

A mudança de mentalidade para que a paz seja plenamente alcançada necessita da adoção de novos estilos de vida, sendo “fundamental a educação: para aprender a respeitar a natureza; orientar-se cada vez mais para ‘construir a paz, a partir de opções clarividentes em nível pessoal, familiar, comunitário e político « (BENTO XVI, Angelus, 01.01.2010). Assertivamente, já exortava a comunidade cristã de que a paz é um desejo partilhável de todos e se “constitui uma meta à qual todos devemos aspirar e pela qual todos temos o dever de trabalhar” (BENTO XVI, Angelus, 01.01.2012), pois uma condição indispensável para a paz, é gerir com justiça e sabedoria os recursos naturais da Terra, “preocupados em não destruir o amor sobre o qual está depositada a nossa vida”.

“Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação” nos dizia Bento, em janeiro de 2010, como hoje ouvimos, reiteradamente, o Papa Francisco admoestar, desde a *Evangelii Gaudium*, quando pediu “uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme” (EG 220), privilegiando ações capazes de gerar novos dinamismos na sociedade e fazer surgir uma diversidade reconciliada¹¹. Faz-se urgente lutar contra a avidez e o egocentrismo, que suscitam lutas e divisões e impedem a partilha, o acolhimento recíproco e a descoberta de que a sobriedade e a solidariedade reduzem o desnível entre quem desperdiça o supérfluo e quem não tem o necessário. Essa configuração existente é que ameaça a convivência pacífica e torna-se uma pobreza iníqua, a indignância

10 BENTO XVI, Angelus, 15 de agosto de 2006.

11 PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 220-230.

que Deus não quer, que oprime e ameaça a paz¹².

Maria foi a primeira a ser preenchida pela bênção divina. Ela sempre soube reconhecer no rosto do outro, uma pessoa; na necessidade do outro, a sua; pois foi capaz de resplandecer o rosto divino e dirigi-lo para o outro. “O rosto é a expressão por excelência da pessoa, que a torna reconhecível e do qual transparecem sentimentos, pensamentos e intenções do coração” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2010). A nossa cosmovisão e, particularmente, como olhamos e vemos os nossos semelhantes, necessitam do influxo vivificador do Espírito de Deus, para que consigamos reconhecer-nos no nosso irmão, “embora às vezes precisamente o rosto humano, marcado pela dureza da vida e do mal, possa ser difícil apreciar e de aceitar como epifania de Deus” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2010). Por isso, para caminhar pela senda da paz, precisamos ser iluminados pelo “rosto de Deus” e ser abençoados pelo seu “nome”¹³.

“A paz verdadeira é, antes de tudo, dom divino que se deve implorar constantemente e, ao mesmo tempo, compromisso que se deve levar em frente com paciência, permanecendo sempre dóceis aos mandamentos do Senhor” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2012). A paz é, simultaneamente, alertou-nos o Papa emérito, um dom invocado com a oração, acolhido com docilidade e uma missão realizada com coragem e assumida como um compromisso de cada um de nós¹⁴. A paz “é a soma e a síntese de todas as bênçãos” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2012). O homem será capaz de construir um mundo de paz, isto é, um “mundo verdadeiramente mais humano para todos os homens” (GS 77), invocando-o através de Maria, mediadora e cooperadora de Cristo, na medida em que se deixar “iluminar pelo esplendor da verdade” explicitada pelo próprio Jesus, Príncipe da Paz, que afirmou ser ele “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). “Como Maria, também a Igreja permanece em silêncio, para colher e conservar as ressonâncias interiores do Verbo que se fez carne e não dissolver o calor divino-humano, que emana da sua presença. Ele é a Bênção de Deus!” (BENTO XVI, Angelus, 01.01.2007). A eficácia da bênção é concretizada por parte de Deus, que nos protege e nos oferece a abundância da felicidade¹⁵.

Considerações finais

A concretude histórica do nascimento de Jesus, em todo o seu alcance salvífico, torna-se bênção para todos nós¹⁶. O seu nascimento pobre é escola de vida para cada homem, pois é preciso compreender que Deus se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza cheia de amor. Essa seiva de vida

12 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2009.

13 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2009.

14 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2007.

15 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2006.

16 BENTO XVI, Homilia, 01 de janeiro de 2009.

é o elemento crucial em nossa luta para difundir as condicionantes essenciais para o anúncio do Reino de amor, justiça e paz; onde o desprendimento, a sobriedade e confiança serão os sinais dos discípulos moldados na escola de Maria, “Virgem e nossa verdadeira paz!” (BENTO XVI, Homilia, 01.01.2010).

A graça não pode agir, quando falta a fé que a acolha. Precisamente nessa esteira, palmilhamos o caminho da paz, que é a via *amoris*, a vida trinitária por excelência, como afirmou no Ângelus, em 2011, o Papa emérito. “A paz é obra de consciências que se abrem à verdade e ao amor”. É preciso deixar-nos plasmar pela ação de Deus e voltar o nosso olhar para aprendermos de Maria como esse agir de Deus envolve a nossa liberdade e “na fé, a Palavra divina transforma-nos” (VD 28). “Acolhamos também nós Maria como a estrela da nossa vida, que nos introduz na grande família de Deus! Sim, quem crê nunca está sozinho” (BENTO XVI, Homilia Regensburg, 12.09.2006).

Referências

BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-Sinodal Verbum Domini*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Homilias na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus – 2006 a 2013*. Disponível em: vatican.va/content/Benedict-xvi/pt/homilies. Acesso em: 03 set. 2020.

_____. *Homilias na Solenidade da Assunção de Maria – 2006 a 2012*. Castel Gandolfo Disponível em: vatican.va/content/Benedict-xvi/pt/homilies. Acesso em 03 set. 2020.

_____. *Angelus na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus – 2006 a 2013*. Castel Gandolfo Disponível em: vatican.va/content/Benedict-xvi/pt/angelus. Acesso em: 03 set. 2020.

_____. *Angelus na Solenidade da Assunção de Maria – 2006 a 2012*. Castel Gandolfo Disponível em: vatican.va/content/Benedict-xvi/pt/angelus. Acesso em 03 set. 2020.

BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2006.

CANTALAMESSA, R. *Maria, um espelho para a Igreja*. Aparecida: Santuário, 2013.

CECCHIN, S., *L'Assunzione di Maria, Madre di Dio*. Roma: PAMI, 2000, p. 586.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *GAUDIUM ET SPES*. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

- DESINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- JOHNSON, E. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.
- LUDWIG, G. *Teologia da Liturgia*. In: Prefácio do editor da edição alemã. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- MEO, S. Mãe de Deus. In: FIORES, Stefano. MEO, Salvatore (Org). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 780-790.
- RATZINGER, J. *A filha de Sião. A devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2013.
- _____. *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: ed. Loyola, 2005.
- _____. *Lembranças da minha vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *O Sal da Terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio: um diálogo com Peter Seewald*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *Teologia da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- SESBOÛE, B. *Os sinais da salvação* (séculos XII-XX). Tomo 3. São Paulo: Loyola, 2005.
- SEEWALD, P. *O último testamento*. São Paulo: Planeta, 2017.
- SERRA, A. Assunção. In: FIORES, Stefano. MEO, Salvatore (Org). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 170-173.

Artigo recebido em 31/10/2020 e aprovado para publicação em 19/11/2020

ISSN online 2763-6992

ISSN impresso 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-11>

Como citar:

RESENDE, Joaquim Francisco Batista; FERREIRA, Antonio Luiz Catelan. Escola de Maria, Mãe de Deus, Ajuda Materna na Construção da Paz entre os Homens. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 39, p. 221-234, jan./jun. 2021. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br